

# O FIGO IRAQUIANO

A mais perversa consequência desta desordem informativa é a de que tudo é manipulável. Pode dizer-se tudo. Provar-se tudo. E até dizer-se a máxima verdade, mas não se ser levado a sério

No último fim-de-semana, a SIC transmitiu uma das mais inofensivas e, ao mesmo tempo, perplexizantes reportagens sobre Bagdad. O enviado da estação, Pedro Sousa Pereira, foi assistir a um jogo de futebol ao estádio da capital iraquiana e vimos iraquianos a reagir como reagem as multidões ao futebol em todo o mundo, com os seus golos, os seus ímpetos, e os seus craques chamados em coro — o “Zidane”, o “Roberto Carlos” e o... “Fiiiigo”. Milhares de iraquianos a chamar em coro “Figo, Figo”... Dá vontade de pensar se daqui a umas semanas aquele estádio ainda existirá, se aquelas pessoas não estarão mortas — vítimas de um erro qualquer de um ataque cirúrgico —, se... O grande problema da equação sobre esta guerra está em cima da mesa desde 1990.

Ou seja: a partir do momento em que a guerra obedece a uma fachada desinformativa levada a cabo pelos norte-americanos e pelos iraquianos, em que tudo é cirúrgico e limpo, onde não vemos a destruição nem os horrores humanos da tragédia — é um filme de ficção científica transmitido em “prime-time” nos noticiários —, tudo o que absorvemos como informação é, simultaneamente, verdade e mentira. Da Primeira e Segunda Guerra Mundial, ou até da guerra do Vietname, são conhecidos excelentes documentários que fazem parte da nossa história comum. Ao vê-los, sentimos a dor e a agonia da guerra, o descalabro colectivo que é repeti-la, aprendemos, reflectimos...

Sobre as novas “guerras cirúrgicas” (como a do Golfo, a do Afeganistão, a da Tchetchénia), amputadas de reportagem e, portanto, de alguma verdade, discutimos tácticas, armamentos, princípios de direito internacional, mas não conseguimos antecipar ou avaliar “a posteriori” o que ganhamos ou o que perdemos.

Perdendo respeito aos factos, mesmo as discussões essenciais correm o risco de parecer simples demagogia. Tendo apenas direito aos pressupostos que a antecedem, e sendo depois impedidos de ver os resultados da guerra, somos uma espécie de apostadores globais de um totoloto cujos números da sorte já estão escolhidos à partida. As vítimas serão poucas, “cirúrgicas”, a guerra será um êxito, os alvos iarquianos militares serão todos abatidos. Enfim, a “ordem mundial” “já ganhou” mesmo antes de o sorteio começar...

A mais perversa consequência desta desordem informativa — deste possível desrespeito que podemos sentir ao ver Colin Powell a argumentar nesse local sagrado para a vida em paz neste mundo que são as Nações Unidas — é a de que tudo é manipulável. Pode dizer-se tudo. Provar-se tudo. Inventar-se tudo o que se quiser. E até dizer-se a máxima verdade, mas não se ser levado a sério.

No último reduto desta discussão, ficamos sozinhos a ouvir a nossa consciência. A acreditar em quê? E esta é a angústia final: a de “termos de acreditar” em algum dos lados. Como se a legitimidade da guerra fosse a de ter mais “fê” na razão dos norte-americanos do que na dos iraquianos, ou vice-versa. Daí que à guerra santa de Saddam corresponda agora um misticismo cristão de Bush, pretendendo ambas alimentar por via da crença aquilo que já não aceitamos racionalmente. O que resta, então? Por exemplo, a imagem dos iraquianos no estádio que, tal como descobrimos depois da guerra fria em relação aos soviéticos, não nos querem matar ao virar da esquina. Até conhecem o Figo e não tinham armas bacteriológicas na mão. São como nós. Bastará para não merecerem morrer, ou vivemos mais descansados sem eles? **DANIEL DEUSDADO**

## PÚBLICO

contribuinte nº 502265094  
depósito legal nº 45458/91  
registo ICS nº 114410

E-mail: publico@publico.pt LISBOA: Rua Viriato, 13 – 1069-315 Lisboa; Telef.: 210111000 (PPCA)  
Fax: Dir. Empresa 210111005; Dir. Editorial 210111006; Agenda 210111007; Redacção 210111008; Publicidade 210111013/210111014 • PORTO: Rua João de Barros, 265 – 4150-414; Telef.: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção 226151099 / 226102213; Publicidade: Distribuição 226151011 • BRAGA: Rua de S. Marcos, 126-1º Esq. Fr. – 4700 Braga Telef.: 253202650; Fax: 253617983 • AVEIRO: Rua Eng. Silvério Pereira da Silva, 16-A, 2º Tr. – 3800 Aveiro Telef./Fax: 234382507 • COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 153/157- 2º Dto, sala 6 – 3000 Coimbra Telef.: 239829654; Fax: 239829648 • ALGARVE: Avenida da República Federal Alemã, bloco C 2 – 8000 Faro Telef.: 289806656; Fax: 289806655 • VILA REAL: Rua 31 de Janeiro, 41 - 3º, sala 303, 5000 Vila Real Telef.: 259326262; Fax: 259326265 • MADEIRA: Rua dos Ferreiros, 55-2º Dtº – 9000 Funchal Telef.: 291231611 • PROPRIETÁRIO: PÚBLICO Comunicação Social, SA Sede: Rua João de Barros, 265, 4150 Porto • IMPRESSÃO: Unipress, Tv. Anselmo Braancamp, 220-Arcozelo/4405, Valadares; Telef.: 227537030; Mirandela — Rua Rodrigues Faria, 103, 1300 Lisboa; Telef.: 213613400; Fax: 213613469 • DISTRIBUIÇÃO: Midesa Portugal - Distribuição de Publicações, S.A.; Lisboa: Rua da República da Coreia, 34, Ranholas, 2714-526 Sintra; Telef.: 219267800, Fax: 219267850; Porto: Rua Nova de São Caetano, 125, Pavilhão B, fracção 7, Canelas, 4405 Vila Nova de Gaia; Telef.: 227169600/1; Fax: 227162122/3; Algarve: Estrada de Boliqueime - Fonte de Boliqueime, 8100-070 Boliqueime; Telef.: 289363380; Fax: 289363389; Coimbra: Beco Olheiro, Armazém 2, Adémia, 3020-028 Coimbra; Telef.: 239430519; Fax: 239431592 • ASSINATURAS: 808200095



Tiragem média total do mês de Janeiro  
**81.057 exemplares**

## Bartoon



## Cartas ao Director

As cartas destinadas a esta secção — incluindo as remetidas por e-mail — devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos. Não se devolvem os originais dos textos não solicitados, nem se prestará informação postal ou telefónica sobre eles.

Endereço electrónico:  
**cartasdirector@publico.pt**

### O 25 de Abril da Biologia

Fruto da minha formação académica em Engenharia, desde cedo comecei a ter consciência de que, muitas das vezes, “coisas” simples sustentavam “estruturas” complexas. Por exemplo, toda a informação que é trocada no interior dos nossos computadores assenta no simples código binário, que não é mais do que uma simples série de sucessões de 1 e 0. Recentemente, com a minha “troca de camisola” para a Biologia, constatei que toda a informação genética se encontra alicerçada em apenas quatro letras (químicas): A, T, G e C. Falo obviamente do código genético, inscrito na molécula de ADN (ou DNA).

O 25 de Abril da Biologia (entenda-se como revolução científica) aconteceu uma dezena de anos antes do nosso 25 de Abril de 1974.

A revista científica “Nature” publicou, no dia 25 de Abril de 1953, um artigo de dois investigadores do Laboratório de Cavendish da Universidade de Cambridge, onde é “sugerida” uma possível estrutura do ADN. Os dois investigadores, Francis Crick e James Watson, com este artigo, algo cauteloso em termos de conclusões da importância biológica da estrutura, iniciaram toda uma nova era na ciência moderna. O referido artigo, puro e simplesmente notável pela simplicidade e objectividade de escrita, significou o sinal de partida para a elevação da Biologia como a ciência do século XX e XXI. Em 1962, a Academia Sueca reconhece a sua importância ao atribuir o Prémio Nobel da Medicina a Watson e Crick.

Hoje, passados 50 anos deste marco da ciência, achei por bem partilhar com vocês algumas coisas que li sobre o ADN.

Um bem-disposto mas excelente artigo de Martin Kemp, professor de História de Arte da Universidade de Oxford, publicado recentemente, evidencia as diferentes inte-

racções da estrutura do ADN com a arte. Argumenta que nunca nenhuma molécula na história da ciência alcançou tal patamar de importância, concluindo estarmos perante a “Mona Lisa” da ciência moderna.

Por outro lado, acho também interessante conhecer o que pensam os autores da estrutura do ADN e qual a importância que a data desta descoberta teve para eles. Assim sendo, tive a oportunidade de ler dois registos, diferentes no tempo, da visão dos dois homens sobre todo o processo intelectual que resultou na construção da dupla hélice da estrutura do ADN. É evidente a diferença de postura entre os dois, no entanto, ambos afirmam que o trabalho em equipa e a discussão aberta e franca de ideias foi essencial para o resultado. Watson (norte-americano e o mais jovem dos dois) é hoje director do Cold Spring Harbor, não fazendo investigação, Crick (inglês), por seu turno, continua a fazer investigação em laboratório. Os dois cientistas costumam dizer, humildemente, que estavam os dois juntos no local certo e na época certa e que souberam, acima de tudo, complementar-se. Curiosamente, também se verifica que toda a estrutura do ADN assenta no simples conceito de complementaridade da vida. (...)

Numa altura em que se festeja por todo o mundo os 50 anos da dupla hélice do ADN, a maior lição que julgo importante retirar, e para alguém que está a iniciar-se na ciência, é o facto de que a simplicidade pode ser aliada e não inimiga da complexidade. (...)

**EDUARDO A. SILVA**  
EUA

### Volta Reagan, estás perdoado!

A beleza não é traduzível na criação de objectos. A única possibilidade de se manifestar no mundo real é numa forma ideal. Uma invenção humana. A democracia parece-me ser a coisa mais próxima do conceito de belo (Deus me perdoe!) que a humanidade jamais foi capaz de conceber.

A democracia não se compadece com habilidades desonestas, mais próprias de uma retórica medieval, capaz de tudo justificar, ao ponto de ser possível provar que a justiça e a injustiça emanam da condição de divindade. A democracia não depende de vontades divinas, nem precisa delas. A

democracia funciona com a vontade das pessoas e todas são necessárias. Os que chegam ao poder, eleitos numa democracia não devem agir como se a sua vontade fosse a fonte de onde jorra a justiça. Um fundamentalista religioso à frente de uma democracia é uma aberração estética. Uma democracia narcisista não é bonita!

Temo que haja democracias assim, dirigidas por homens que querem governar como deuses, novos faraós, mais do que simples ministros de Deus, eles comportam-se como O Próprio. Uma alucinação deste género, nos tempos que correm, quando já não há milagres nem nada, pode corroer mentes menos brilhantes e crédulas, mas demasiado poderosas. (...) O mais espantoso deste “kitsch” democrático é a quantidade de seguidores que certas divindades humanas conseguem arrebanhar por este mundo fora! Mas não é assim que nascem as figuras de culto?

Há dias em que até do Reagan tenho saudades.

**RUI SILVARES CARVALHO**  
COVA DA PIEDADE

### Esclarecimento

Em relação à entrevista do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Pedro Santana Lopes, publicada no dia 24 de Fevereiro no PÚBLICO, cumpre esclarecer que o dr. Pedro Santana Lopes, ao utilizar a expressão “quanto mais alto se sobe, de mais alto se cai”, não se estava a referir ao professor Cavaco Silva, mas à sua própria maneira de estar na política e na vida. Trata-se naturalmente de um erro de interpretação dos jornalistas que destacaram essa frase para a entrada da entrevista e que pode induzir em erro os leitores. De salientar que este erro de interpretação nada tem a ver com o tratamento correcto que foi dado à entrevista.

**ISABEL ATAÍDE CORDEIRO**  
(ASSESSORA DE IMPRENSA)

### O PÚBLICO ERROU

O PÚBLICO referiu, na sua edição de domingo, num texto sobre o Fantasporto, que a Câmara Municipal do Porto concedeu um subsídio de cinco mil contos à Casa do Queijo de S. Vicente, em Cabo Verde. Na verdade, o subsídio é de apenas seis mil euros.